

Gorbatchov recolocou o tema na ordem do dia

A dívida externa do Terceiro Mundo, que já ultrapassa US\$ 1 trilhão, está de volta à cena. No início de dezembro, o líder soviético Mikhail Gorbatchov foi calorosamente aplaudido na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), ao defender uma moratória por cem anos de parte da dívida externa dos países do Terceiro Mundo. Era um sinal evidente de que o tratamento aos países endividados precisava mudar, pois a dívida externa se transformara numa "real ameaça à humanidade", como frisou Gorbatchov.

A seguir, o Presidente eleito dos EUA, George Bush, em resposta à tese soviética, chegou a sugerir um encontro com os presidentes dos países latino-americanos para tratar do assunto no primeiro semestre de 1989. Não demorou muito e os representantes do Federal Reserve Bank (Fed), o Banco Central dos EUA, surpreenderam o Congresso americano com a informação de que os bancos credores do país continuariam em boa situação financeira, ainda que perdoassem a dívida dos países em desenvolvimento.

No Ano Novo, o Presidente venezuelano Jaime Lusinchi, que-

brando a tradição de bom pagador (mantida há anos pelo seu país) anunciou que suspenderia, a partir de 17 de janeiro, os pagamentos correspondentes à dívida externa de US\$ 30 bilhões. A medida foi tomada exatamente um mês antes de Lusinchi passar o cargo ao Presidente eleito da Venezuela, Carlos André Perez.

Na Colômbia, a situação é parecida. Fontes da área econômica do governo garantem que, ainda nos próximos dias, poderá ser anunciada uma moratória da dívida de US\$ 300 milhões, referente ao primeiro trimestre de 1989. Se não houver desembolso de uma parcela do empréstimo de US\$ 1,7 bilhão, aprovado pelos bancos credores, a Colômbia poderá prolongar a moratória até junho. Com isso, o montante que deixaria de ser pago, no período, subiria para US\$ 570 milhões.

No caso brasileiro, o novo tratamento da dívida externa é um dos pontos polêmicos do novo pacote antiinflacionário que estaria sendo preparado por colaboradores externos do Governo, enquanto a equipe econômica no poder parece aguardar a substituição de seus nomes.